
Mulheres em situação de refúgio: apropriação dos espaços de lazer na cidade de São Paulo

The Occupation of Cultural and Recreational Places in São Paulo by Refugee Women

Sara Sulamita de Oliveira



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/8322>

DOI: 10.4000/pontourbe.8322

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrônica

Sara Sulamita de Oliveira, « Mulheres em situação de refúgio: apropriação dos espaços de lazer na cidade de São Paulo », *Ponto Urbe* [Online], 26 | 2020, posto online no dia 28 julho 2020, consultado o 05 agosto 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/8322>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 agosto 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Mulheres em situação de refúgio: apropriação dos espaços de lazer na cidade de São Paulo

*The Occupation of Cultural and Recreational Places in São Paulo by Refugee
Women*

Sara Sulamita de Oliveira

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 21/03/2020

Aceitação / Accepted 18/05/2020

Apresentação

- 1 No âmbito das migrações internacionais, o conceito e as práticas de refúgio estão relacionados diretamente àqueles obrigados a se deslocarem de um país a outro ou de uma região a outra por motivos de perseguição racial, religiosa, política, grupo social ou nacionalidade. A conjuntura brasileira é explanada pelos dados apresentados pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), tendo o Brasil recebido 206.737 solicitações de reconhecimento, sendo 80.057 somente em 2018, onde São Paulo representa 12% (9.977). Partindo desta realidade e do contexto no qual estamos inseridos, faz-se necessário desenvolver e colocar em prática ações que incluam as minorias, como aponta Amanajás e Klug (2018:30) “É nesses espaços que os excluídos dos processos de planejamento e construção das cidades, como migrantes e refugiados, mulheres, jovens, idosos e pessoas com deficiência, além dos “invisibilizados”, a exemplo de populações de rua, indígenas e população LGBT, como forma de exercer sua cidadania e reivindicar o direito à cidade”.

- 2 Diante disso, quando se é mulher e está em situação de refúgio, tem-se uma dupla vulnerabilidade, constatada pelo contexto histórico da opressão de gênero.
- 3 Nessa esfera de reflexão teórica é que a atividade registrada nesse ensaio atua na prática. Como produto do projeto de cultura e extensão “Mobilidades e diásporas contemporâneas: reflexões e práticas de reintegração de pessoas em situação de refúgio” da Universidade de São Paulo, com orientação de Thiago Allis¹, foi realizada uma série de registros visuais em um encontro realizado com mulheres em situação de refúgio, tendo como pano de fundo a escuta mútua entre todas as presentes e com propósito de ouvi-las e incentivá-las a se apropriarem de espaços urbanos e equipamentos de lazer da cidade de São Paulo. A atividade foi desenvolvida em conjunto com a Organização Não Governamental Compassiva e de outras bolsistas do projeto de cultura e extensão.
- 4 Como auxílio metodológico, optou-se por seguir na área da pesquisa social antropológica, assumindo-se que o objeto da antropologia é a variação das relações sociais, não sendo portanto um sujeito em específico, mas sim a relação que se cria com o ambiente e os demais. (Viveiros de Castro, 2002:122)
- 5 Em vista disso, a importância da reinserção social de refugiados deve ser ativa na sociedade, seja ela de caráter assistencialista - no atendimento de necessidades básicas ou urgentes, como moradia, alimentação, documentação e outros - ou no aspecto sociocultural, salientando a importância do direito à cidade e ao lazer, assim como dos demais direitos.
- 6 Os registros que compõem este ensaio foram feitos por mim com uma Canon T3i - Lente: 35-50mm e editadas no programa de edição de imagens Adobe Photoshop.



Permitir Conhecer

FIGURA 1: SARA SULAMITA, 2019

- 7 Durante toda atividade, produziram-se interações mediadas e objetivas sobre vários pontos turísticos da cidade de São Paulo, como o Museu de Arte de São Paulo (MASP), Museu do Futebol, Museu Catavento, Observatório do Carmo, Museu da Imigração,

Museu de Arte Contemporânea (MAC - USP), Parque da Cantareira, Horto Florestal dentre outros. Os lugares foram apresentados através de cartolinas contendo o endereço, foto e horário de funcionamento. Além disso, também foram levados alguns mapas da cidade, de modo que todos pudessem localizar os equipamentos de lazer e turismo citados, e assim facilitar a escolha e discussão entre as participantes (Fig. 1).



Recomeço

Figura 2 : sara Sulamita, 2019

- 8 Esta imagem (Fig. 2) foi feita no início da atividade e nela está disposta uma família da Síria: Fátima, seguida de sua filha Elham e seu neto Mohamed.



Interculturalidade

Figura 3: Sara Sulamita, 2019

- 9 Durante toda a atividade, para minha surpresa, foi Mohamed que auxiliou na tradução das conversas com sua família. Ambos estão no Brasil há menos de um ano, entretanto, Mohamed que frequenta escola e tem amigos brasileiros já fala a língua com naturalidade, diferentemente da mãe e da avó que ainda falam muito pouco a língua portuguesa, mas possuem interesse em aprendê-la na ONG Compassiva (Fig. 3).



Trocas

Figura 4: Sara Sulamita, 2019

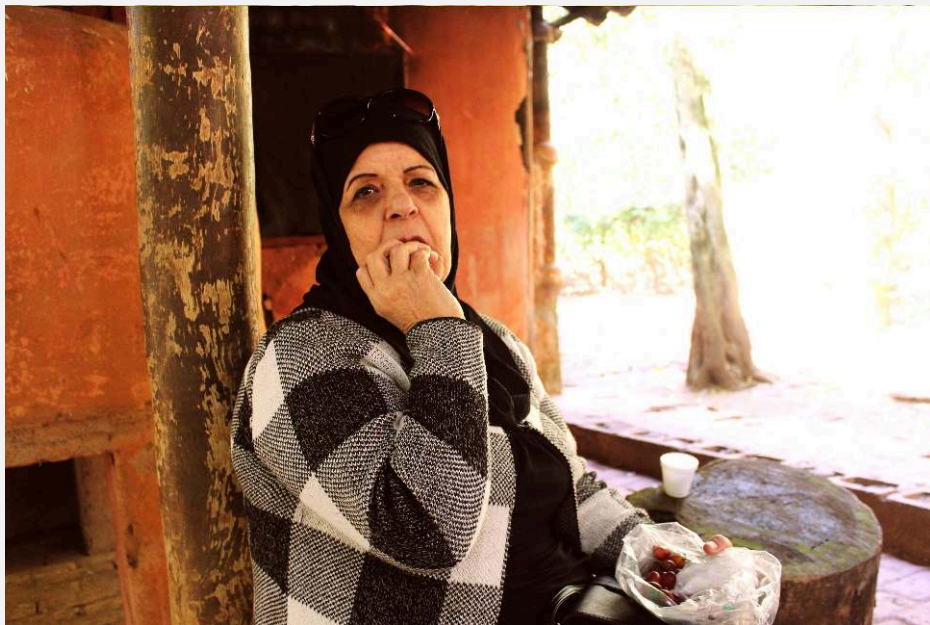
- 10 Nesta imagem (Fig. 4), Mohamed tenta descrever para sua mãe um dos lugares propostos a conhecer em São Paulo, o Museu do Futebol, que é descrito pelas voluntárias corporalmente e através da língua.



Rompendo Distâncias

FIGURA 5: SARA SULAMITA, 2019

- 11 Durante a atividade, Fátima realizou uma videochamada para sua irmã, que ainda está na Síria, e nos apresentou a ela. Fátima relata “sinto muita falta, espero reencontrá-la logo” (Fig. 5).



Afinco

Figura 6: Sara Sulamita, 2019

- 12 A família pediu refúgio no Brasil devido à guerra que vem devastando seu lar nativo desde 2011, a Síria. Fátima, durante a atividade, esboça essa questão quando perguntada sobre o que faz gostar do Brasil, e responde “aqui não tem guerra”.



Hospitalidade mútua

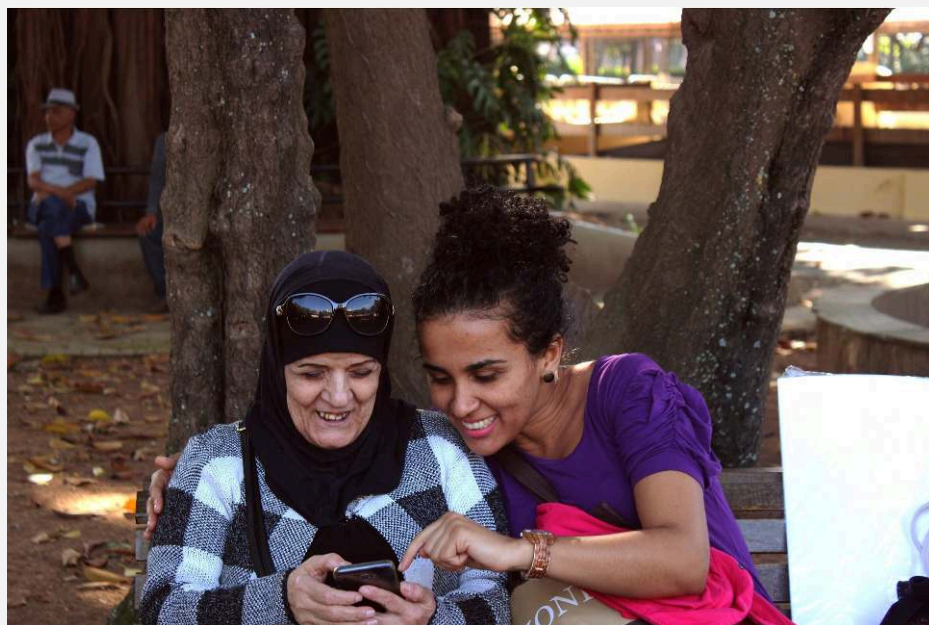
FIGURA 7: SARA SULAMITA, 2019

- 13 As instituições que produziram maior interesse nos integrantes foram o MASP, Museu Catavento e Museu do Futebol. Neste último, Mohamed foi o grande entusiasta, afirmando ao grupo que possui a chuteira da Marta. Fátima e Elham dizem conhecer Marta e identificam em imagens a obra “Abaporu”, de Tarsila do Amaral, pela referência de Mohamed como sendo “aquela pintura do pé grande”, o qual diz ter visto na escola.



Sintonia

FIGURA 8: SARA SULAMITA, 2019



Sororidade

FIGURA 9: SARA SULAMITA, 2019

- 14 Essas últimas imagens (Fig. 8 e Fig. 9), correspondem à essência da atividade e deste ensaio, devido à troca exposta na imagem tanto entre Fátima e Elham no Parque da Água Branca, quanto entre Fátima e Vânia, sua vizinha aqui no Brasil.
- 15 Em síntese, o poder de transformação que a cidade possui fica a cargo do indivíduo, pois apropriar dos espaços é criar vínculos identitários. Magnani (2002:18) refere-se a “passagem” como sendo uma prática, através da qual podemos “percorrer a cidade e seus meandros observando espaços, equipamentos e personagens típicos com seus hábitos, conflitos e expedientes, deixando-se imbuir pela fragmentação que a sucessão de imagens e situações produz.
- 16 A atividade realizada abrange ações em que pessoas em situação de refúgio e os demais indivíduos da cidade sejam compreendidas na perspectiva da “passagem”, permeados com seu entorno, construindo pontes para interculturalidade e assim promovendo um acolhimento melhor em sociedade. Nesse contexto, o projeto de extensão e a instituição Compassiva sentiram a necessidade dessa atividade com recorte de gênero, pois notaram que as mulheres sentiam-se mais à vontade para se comunicar quando estavam juntas.

BIBLIOGRAFIA

ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados). Protegendo Refugiados no Brasil e no mundo. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/>

[2018/02/Protegendo-Refugiados-no-Brasil-e-no-Mundo_ACNUR-2018.pdf](#) .Acesso em: 29 jun. 2019.

AMANAJÁS, R.; KLUG, L. 2018. Direito à cidade, cidades para todos e estrutura sociocultural urbana. In: A nova agenda urbana e o Brasil. (Org.) Marco Aurélio Costa, Marcos Thadeu Queiroz Magalhães e Cesar Bruno Favarão. Brasília: Ipea.

MAGNANI, J. G. C. et al. 2002. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n.49: 11-29.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2002. “O nativo relativo”. Mana. Estudos de Antropologia Social. 8 (1): 113-148.

NOTAS

1. Professor Doutor pelo Curso de Lazer e Turismo, da Escola de Artes Ciências e Humanidades, da Universidade de São Paulo (EACH-USP). Bacharel em Turismo pela Universidade de São Paulo (2004), Mestre em Integração da América Latina pela Universidade de São Paulo (2006) e Doutor em Arquitetura e Urbanismo, na Área de Planejamento Urbano e Regional (FAU-USP).

AUTOR

SARA SULAMITA DE OLIVEIRA

Graduada em Lazer e Turismo pela Universidade de São Paulo. E-mail: sara.sulamita.oliveira@usp.br